

Eduardo Gastelumendi*

As duas notas finais como acordes iniciais

22 de agosto. - O espaço pode ser a projeção da extensão do aparelho psíquico. Nenhuma outra derivação é provável. Em vez do a priori de Kant, precondições de nosso aparelho psíquico. A psique é estendida, nada sabe disso.

22 de agosto. - Misticismo é a obscura autopercepção do domínio fora do Eu, do Id.¹
S. Freud, 1938

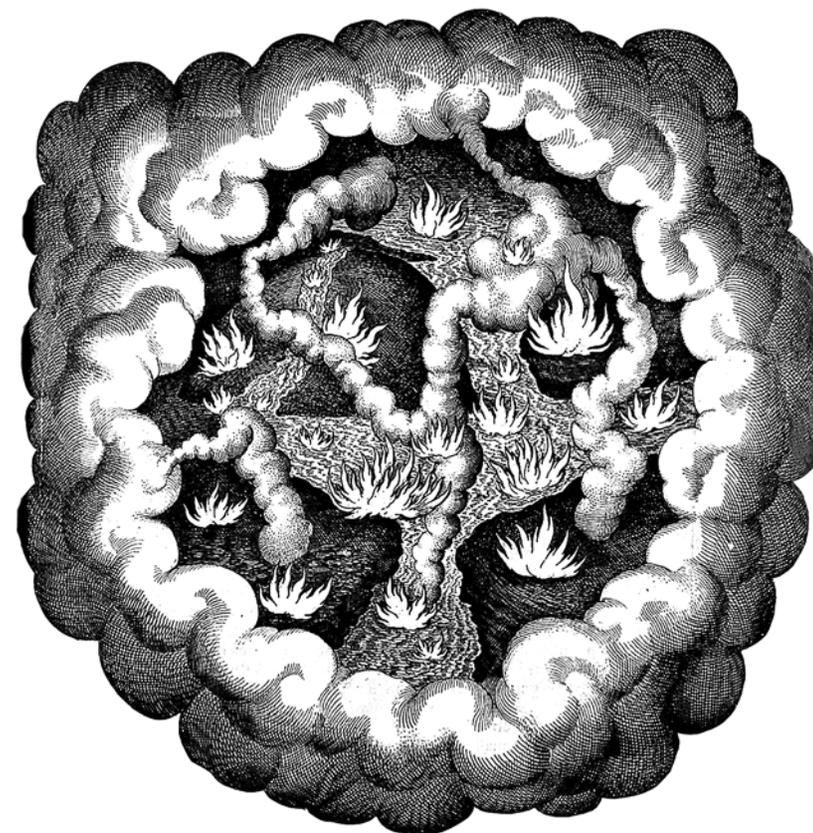
As duas notas que fecham as *Obras completas* de Freud (1941 [1938] / 1986, p. 302) são preciosas. Faz algum tempo eu as escuto como se não fossem as notas finais, mas sim aqueles dois acordes brilhantes com os quais Beethoven inicia sua terceira sinfonia, a Heroica. A morte de Freud deu início a uma etapa de nova liberdade para sua obra gigantesca e transcendente, a psicanálise. Essa liberdade, que a própria psicanálise permite, tem impulsionado nossa disciplina em sua evolução até ser o que ela é agora e que, ao mesmo tempo, aqueles que a praticamos vamos construindo.

Essas duas últimas notas - escritas no

mesmo dia em Londres, sua recente e última casa, à que Freud chegou após fugir da grande regressão coletiva, paranóica e assassina do nazismo - se assemelham, se complementam e surpreendem. Vejamos como.

Sua semelhança reside tanto na sua brevidade (em alemão, vinte e oito palavras a primeira, e onze na segunda) quanto em sua expressão formal e estética. Parecem vir de um oráculo e ser portadoras de verdades no estilo Bion, não saturadas. Por causa de suas ambiguidades gramaticais - mesmo em sua língua original - despertam conexões implícitas, também ambíguas (pré-ambivalentes), o que lhes dá um intenso sabor a processo primário. Imagino aquelas palavras brotando a partir “dos ossos” de Freud, do seu ser mais íntimo.

Também se complementam. A primeira encara dois aspectos da espacialidade (o aparato psíquico e a espacialidade extensa) e as combina em um único espaço: “A psique é extensa [mas] nada sabe disso”². A segunda nota refere-se à experiência (mística) do ser huma-



no imerso e consciente, plenamente *aware* ao entrar nesses espaços liminares, onde se percebe imerso em uma espacialidade (extensa) e se reconhece como *sendo* o mesmo espaço, de algum modo idêntico à extensão de si mesmo, *além do reino do eu, do id*.

Por último, esses quase aforismos surpreendem porque não é o Freud que pensamos conhecer por seus textos e suas posições sustentadas ao longo dos anos em relação ao místico. Freud era um cientista e ateu. No entanto, a releitura e a reflexão sobre estes dois parágrafos transformam a surpresa inicial em admiração, ao reconhecermos o mesmo Freud de sempre, o Freud que, conseqüente consigo mesmo, nunca deixou de dirigir seu pensamento intrépido e honesto, assim como sua insaciável curiosidade pelo desconhecido, ainda que à custa de reformular algumas ideias que ele sustentava anteriormente.

Que possibilidades abrem estes acordes? Para quais desenvolvimentos psicanalíticos

eles apontam? Penso que além da dimensão atemporal da psique (a do inconsciente), ideia bem conhecida em seu trabalho, Freud ousadamente sugere considerá-la, também, extensa, tornando-a uma com o espaço exterior. O resultado: um psiquismo sem tempo nem limites. Na primeira nota, afirma: “a psique é extensa”. Na segunda, se refere a uma autopercepção de si mesmo “fora [do reino] do eu [e] do id”. Acredito que Freud está sugerindo que podemos nos perceber, mesmo obscuramente, como existindo de alguma maneira não apenas *antes* de nossa vida pessoal, mas também fora de nós mesmos, por mais estranho e *infamiliar*³ que possa parecer. Trata-se de uma dimensão psíquica potencialmente acessível a todo ser humano, mas que raramente é percebida

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.

1. N. do T.: Tradução de P. C. de Souza. A tradução corresponde à p. 365 de: Freud, S., (2018) Conclusões, ideias, problemas. Em Souza, P. C. (trad.) *Obras completas* (vol. 19). São Paulo: Cia das Letras (Trabalho original publicado em 1941 [1938]).

2. Jorge Kantor e Max Hernández (junho de 2003) escreveram um texto muito original a respeito.

3. Devo meu conhecimento deste termo à psicanalista brasileira Magda Khouri, em uma apresentação recente (setembro de 2019) na Sociedad Peruana de Psicoanálisis.

e menos ainda reconhecida, já que os muitos desafios diários do indivíduo, que incluem as circunstâncias da convivência com os outros e um permanente fantasiar edípico e pré-edípico, deixam pouco espaço e tempo livre para atenção a questões ontológicas. É aquela dimensão, vamos chamá-la espiritual, que impulsiona o anseio que se busca satisfazer, mesmo parcial e superficialmente, nas liturgias periódicas das várias religiões ou no êxtase dos montanhistas.

Existem maneiras de acessar esse estado mais intimamente, como a meditação, ou através de técnicas como a *respiração holotrófica*⁴ desenvolvida por Stanislav Grof, criador da psicologia transpessoal, ou através do uso ritual de substâncias, como a ayahuasca – para uma perspectiva psicanalítica de seu uso, ver os textos de Domingo Nanni (2015, 2018) e Eduardo Gastelumendi (2001, 2010, 2013). Essas experiências permitem não apenas acessar um estado de consciência diferente (os chamados *estados modificados de consciência*), são também uma imersão profunda em um estado do ser. Nesse sentido, são vivências ontológicas.

O que tudo isso implica para a prática psicanalítica? Eu gostaria de responder usando uma analogia. Aqueles que, como psicanalistas, saem do consultório para se vincular – ou, melhor, se envolver – com grupos sociais menos favorecidos – a “clínica extensa”, segundo Fabio Herrmann (2005) –, recebem um impacto emocional de caráter *Unheimlich*, o infamiliar. O analista, *desalojado* por esta experiência, ao trabalhar internamente para assimilá-la, transforma-se no íntimo de seu ser. Do mesmo modo, embora de outra maneira, essas experiências que agora nos ocupam, chamemos de espirituais, transpessoais ou transsubjetivas (em um sentido diferente daquele usado em psicanálise vincular), também transtornam (e revolucionam) o analista.

Em um trabalho sobre o tema (Gastelu-

mendi, 2013) defendo que:

um sujeito já constituído, que conseguiu em seu desenvolvimento diferenciar, sem confusão, seu Eu dos outros, com limites bem estabelecidos entre seu self e seu entorno, pode recuperar, por alguns momentos (como ocorre no sentimento oceânico), a vivência daquela unidade esquecida, daquele aspecto profundo e real de nossa natureza. Afirmo que uma experiência como essa tem um valor único para quem a vive. (p. 103)⁵

Penso que o analista que tenha visitado estas regiões de sua psique – as que eventualmente também podem ser acessadas durante um trabalho analítico regressivo e profundo – está em melhores condições para acompanhar processos semelhantes com seus pacientes.

Referências

- Freud, S. (1986). Conclusiones, ideas, problemas. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23, pp. 301-302). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1941 [1938]).
- Gastelumendi, E. (2001). Madre ayahuasca y Edipo. *Memoria del Segundo Foro Interamericano sobre Espiritualidad Indígena*. Tarapoto: CISEI/Takiwasi.
- Gastelumendi, E. (2010). Ayahuasca: Current interest in an ancient ritual. Em K. Miyoshi, Y. Morimura, K. Maeda et al. (ed.), *Neuropsychiatric disorders* (pp. 279-286). Tokio: Springer.
- Gastelumendi, E. (2013). Una mirada psicoanalítica a la experiencia con ayahuasca. *Revista Psicoanálisis*, 12(1), 91-110.
- Grof, S. (1988). *Psicología transpersonal*. Barcelona: Kairós.
- Herrmann, F. (2005). Clínica extensa. Em L. M. C. Barone (org.), *A psicanálise e a clínica extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kantor, J. y Hernández, M. (junio de 2003). ¿Psique es extensa? Trabalho apresentado no 8º Congresso Peruano de Psicanálise, Fronteiras da psicanálise: Novos olhares, Lima.
- Nanni, D. (2015). *Cuatro escritos sobre el uso de ayahuasca en psicoterapia*. Parana: Fundación La Hendija.
- Nanni, D. (2018). *Quinto escrito sobre el uso de ayahuasca en psicoterapia*. Parana: Fundación La Hendija.

5. Tradução livre.

Ruggero Levy*

Seria uma intuição de Freud?

Mística, a obscura percepção de si do reino que está fora do Eu, do Isso.
Sigmund Freud

Genial, posso apenas iniciar dizendo que essa intuição de Freud em 1938 é genial.

Parece-me assim, pois entendo que o pai da psicanálise nesse momento transcendia o seu contexto epistemológico e intuía que a apreensão do inconsciente ocorre para além das palavras e da investigação positiva.

Nos primórdios da psicanálise, Freud, na ânsia de torná-la uma ciência natural – dos métodos de observação positivos, objetivos – acreditava que os fatos psicanalíticos deveriam ter uma correspondência com os fatos reais vividos na infância do sujeito (Hanly, 1992/1995). Ou seja, na “história vivida” do paciente deveriam existir fatos reais que se correspondiam, de algum modo, com as produções oníricas e sintomas neuróticos trazidos ao analista. Em epistemologia, esta busca da verdade por correspondência tem como ciência prototípica a física newtoniana, eu diria. Neste tipo de postura científica, a hipótese de trabalho deve necessariamente

corresponder a um fato real, condição que lhe confere veracidade. Assim, o resultado de uma fórmula da física newtoniana a respeito da força da gravidade, por exemplo, deve poder corresponder sempre a um fenômeno real. Uma maçã atirada de uma altura determinada deverá sempre levar um tempo determinado para chegar ao chão, caso o experimento seja realizado na Terra onde a força da gravidade é uma constante. Pois Freud em busca do realismo científico, (Hanly, 1992/1995) frequentemente assumia esta postura epistemológica. O exemplo mais ilustrativo é a clássica análise do Homem dos Lobos.

No trabalho de interpretação do sonho dos lobos, Freud, como um verdadeiro historiador envolvido na reconstituição de um evento histórico, reconstrói a “cena real” que certamente deveria ter ocorrido, de acordo com seu ponto de vista da época. Era a busca da correspondência quase absoluta. Freud, além de postular que o Homem dos Lobos teria assistido ao coito dos pais, propõe-se, inclusive a determinar a posição em que eles estavam e a hora do ocorrido. Embora Freud utilizasse também outros critérios científicos,

4. Na América Latina, um impulsor desta experiência é o psicanalista e psicodramatista argentino Carlos Martínez-Bouquet.

* Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.